

## INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

### INSERTION OF TECHNOLOGIES IN ELEMENTARY EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC

Claudio Tavares Pinheiro

Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás, UEG.

[ctpug@gmail.com](mailto:ctpug@gmail.com)

Kélgia Betânia Silveira da Rocha

Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER da Universidade Estadual de Goiás, UEG.

[kelgiabetania@hotmail.com](mailto:kelgiabetania@hotmail.com)

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar a percepção da postura de alguns docentes do ensino fundamental da rede municipal de ensino da cidade de Itapuranga-GO, que se viram diante da necessidade de fazer uso das tecnologias de informação e comunicação em decorrência da pandemia<sup>1</sup>. A investigação segue o paradigma qualitativo de pesquisa, pautado pelos pressupostos da pesquisa de revisão bibliográfica, apoiada por experiências vivenciadas, enquanto docentes, há mais de uma década. Utilizou-se, também, como instrumento de coleta de dados, a aplicação de um questionário com perguntas subjetivas com três docentes. Todos com larga experiência tanto em educação infantil quanto ensino fundamental I<sup>2</sup> e que vivenciaram o processo de transição de aulas presenciais para remotas. Os resultados mostram a importância da formação continuada, bem como apontam algumas fragilidades na graduação dos cursos de licenciatura, em específico, Pedagogia, no que se refere ao uso e familiaridade com as tecnologias em aulas não presenciais. Compreende-se que os professores se depararam com uma nova realidade e foram submetidos a experiências inovadoras de ensinar, aprendendo e (re)produzindo videoaulas, áudios, blocos de tarefas, videochamadas, entre outras atividades. A partir

---

1 **Pandemia** - A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o Covid-19, causado pelo novo coronavírus, já é uma pandemia que iniciada nos primeiros meses de 2020. Segundo a Organização, pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Disponível em < <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>> acesso em 29 de novembro de 2021.

2 **Ensino Fundamental I** - Ensino Fundamental corresponde à fase mais longa da Educação Básica, esse período pode ser dividido em ciclos, por exemplo, anos iniciais e anos finais, ou Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Dessa forma, os anos iniciais referem-se ao Ensino Fundamental I e englobam os alunos do 1º ao 5º ano. Disponível em < <https://novaescola.org.br/>> acesso em 02 de dezembro de 2021.

das discussões, a saída da chamada zona de conforto foi algo que aconteceu mediada por uma avalanche das novas demandas educacionais. E, com isso, os professores sentiram a necessidade de se reinventar, investir financeiramente, se redescobrir e se desdobrarem em relação ao tempo de dedicação no seu próprio aprendizado, bem como no processo ensino-aprendizagem dos educandos.

**Palavras-chave:** Professor; tecnologias; ensino-aprendizagem; pandemia.

275

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the perception of the attitude of some elementary school teachers from the municipal school system of the city of Itapuranga-GO, who had the needed to use information and communication technologies due to the pandemic. The investigation follows the qualitative paradigm research, based on the assumptions of bibliographic review research, supported by experiences lived, as teachers, for more than a decade. As an instrument of data collection, a questionnaire with subjective questions was applied to three teachers. All of them have extensive experience in both early childhood education and elementary school and have been experiencing the process of transition from classroom teaching to remote teaching. The results show the importance of continuing education, as well as show weaknesses in the graduation courses, specifically Pedagogy, regarding the use and familiarity with technologies in non presential classes. It is understood that teachers faced a new reality and were submitted to innovative teaching experiences, teaching, learning and (re)producing video classes, audios, task blocks, video calls, among other activities. From the discussions, the departure from the so-called comfort zone was something that happened mediated by an avalanche of new educational demands. And, as a result, teachers felt the need to reinvent themselves, to invest financially, to rediscover themselves, and to redouble their dedication time to their own learning, as well as to the teaching-learning process of their students.

**Key words:** Teacher; Technology; Teaching-Learning; Pandemic.

“A possibilidade de acesso generalizado às tecnologias eletrônicas de comunicação e informação trouxe novas formas de viver, de trabalhar e de se organizar socialmente”.

(Vani Moreira Kenski)

### **Considerações iniciais**

A discussão acerca da inserção, uso e familiaridade dos docentes com as tecnologias de informação e comunicação já permeia os meandros educacionais por algumas décadas. Mais recentemente, se intensificou em decorrência das novas

demandas educacionais decorrentes da inesperada pandemia da COVID 19.<sup>3</sup> E foi justamente nesse contexto que os professores, desde os iniciantes na carreira do magistério até aos que já estão caminhando para suas sonhadas aposentadorias, tiveram que se (re)inventar para conseguir, à contento, a continuidade do processo ensino-aprendizagem dos educandos por meio das aulas remotas.

Partindo dessa premissa, este estudo traz a proposta de analisar a nova postura assumida, uma vez que aulas à distância, ministradas para crianças, exigem ainda mais metodologias diferenciadas, coerentes e lúdicas. Destarte, seguimos a problemática de investigação na tentativa de compreender em que medida os professores se encontravam preparados em relação às novas pedagogias, metodologias e recursos didáticos mediados pelas tecnologias.

Para a construção desse artigo, além da discussão bibliográfica levantada de pesquisadores e pesquisadoras da área, apoiamos-nos em nossas experiências docentes de mais uma década, que nos possibilitaram vivenciar esse processo de transição das aulas presenciais para aulas remotas. Para Fonseca (2002, p. 32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”.

Com base teórica dos autores que já preconizavam o uso das tecnologias em sala de aula, somadas às nossas experiências, enquanto docentes, fizemos uma leitura da realidade das adaptações às quais os professores tiveram que vivenciar. Por outro lado, não podemos deixar de pensar no resultado parcial dessas aulas para o efetivo aprendizado dos alunos e alunas.

Algumas das discussões elencadas envolvem a formação dos professores em relação às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)<sup>4</sup>, a estrutura logística que dependeu da disponibilidade dos aparelhos dos próprios docentes, uma vez que não houve custeio por parte do município em relação aos recursos tecnológicos, tendo os professores que fazer uso dos seus celulares e computadores pessoais,

---

3 A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. (Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

4 O conceito de TIC foi amplamente disseminado pelo mundo com a popularização da internet. A expressão remete a todo e qualquer tipo de tecnologia que trate informação e auxilie na comunicação, podendo ser na forma de hardware, software, rede ou telemóveis em geral. Disponível em < [sitics.com/2019/07/01/mas-afinal-de-contas-o-que-etica/#:~:text=O%20conceito%20de%20TICs%20foi,rede%20ou%20telem%20veis%20em%20gera%20I](https://www.sitics.com/2019/07/01/mas-afinal-de-contas-o-que-etica/#:~:text=O%20conceito%20de%20TICs%20foi,rede%20ou%20telem%20veis%20em%20gera%20I)>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

convivendo ainda com fragilidades na internet mesclada em via rádio e fibra óptica. Outra questão elucidada foi a realidade distintas de alguns alunos, os quais os pais possuem apenas um aparelho celular, e há casos de dois, três ou mais filhos fazendo uso do mesmo recurso tecnológico. Um quantitativo considerável de pais que não consegue acompanhar os filhos em suas atividades por falta de instrução ou mesmo de tempo disponível por causa dos seus trabalhos, entre outras questões.

Para chegarmos a esses entendimentos utilizamos também como instrumento de coleta de dados a aplicação de um questionário, com perguntas subjetivas aplicado com três docentes. Todas com larga experiência tanto em educação infantil quanto ensino fundamental I e que vivenciaram o processo de transição de aulas presenciais para remotas. Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 48), o questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Os nomes das docentes serão preservados e trabalharemos a identificação com Docente 1, Docente 2 e Docente 3.

Os questionamentos foram: 1) Como foram as instruções recebidas durante o curso de graduação no que se refere ao uso das tecnologias de informação e comunicação? 2) Como se deu o impacto de ter que deixar as aulas presenciais para trabalhar com aulas remotas com crianças do ensino fundamental I? 3) Que tipos de recursos tecnológicos e metodologias foram utilizadas por você, quando do início da mudança das aulas presenciais para aulas à distância? 4) Qual foi o apoio logístico recebido do município em relação aos aparelhos tecnológicos utilizados? 5) A participação dos alunos nas aulas remotas continuou tanto quanto nas aulas presenciais? 6) Os pais tiveram participação mais efetiva na educação dos filhos em meio a pandemia? 7) Aponte as dificuldades encontradas nas aulas remotas. 8) Levante as suas percepções dos pontos fortes obtidos com essa mudança de aula presencial para remota. 9) O que você entende que ficará de legado pós-pandemia na educação, em se tratando de metodologias e recursos didáticos?

As respostas foram analisadas juntamente aos estudos bibliográficos, nossas percepções e vivências. Entendendo que o artigo aborda, discute e analisa questões subjetivas, os depoimentos de outros docentes corroboram os posicionamentos estabelecidos neste estudo.

Com este trabalho compreendemos a dinâmica da mudança brusca na postura de muitos docentes em relação ao preparo e execução de suas aulas.

Entendemos que o processo de inserção das TIC no ensino, com um pouco de resistência por parte de muitos, passou a ser um procedimento metodológico inevitável, melhorando consideravelmente o formato das aulas, que se usadas também no formato presencial, enriquecerão em muito os aprendizados dos alunos.

### **A formação dos professores frente as tecnologias de informação e comunicação**

278

Quando falamos em formação de professores, muitas questões vêm à baila, principalmente quando questionamos: em que medida os professores em formação estão sendo realmente preparados para assumir uma sala diante da nova realidade de aulas remotas no ensino fundamental? Por outro lado, ao analisarmos a formação de profissionais que contam com vários anos de carreira, percebemos que o uso das TIC na educação não era prioridade nas matrizes curriculares, mesmo porque, o contexto era bem diferente do vivenciado na atualidade. Além dos poucos investimentos em pesquisa e extensão por parte do governo federal, estamos acompanhando vários direitos da categoria docente conquistados ao longo da história do nosso país e os apoios financeiros a programas e bolsas educacionais sendo retirados sem consideração com os educadores. Esses fatores têm desmotivado a escolha da carreira pelo magistério e de certa forma, influenciado negativamente os que já se encontram exercendo suas funções de educadores. Uma vez que o mínimo que se espera de um docente no exercício de sua função é um ensino de qualidade; somos levados a reflexões de como a qualidade pode estar dissociada da motivação, formação ampliada e continuada, bem como a ausência das ferramentas tecnológicas necessárias para aulas remotas.

Precisamos levar em consideração que durante a graduação o acadêmico passa pelos estágios supervisionados, momento em que tem contato com o seu futuro campo de atuação. Porém, comumente, as experiências são poucas para que o indivíduo se sinta confortável para assumir uma sala de aula logo após o término do curso, embora esteja licenciado para tal. E aqui, chamamos a atenção para os estágios que estão sendo realizados em tempos de pandemia, nos quais o estagiário acompanha a execução das aulas também de forma remota. Essa questão é muito delicada e cabe a nós ressaltar que com esse diploma o egresso está habilitado para lecionar em qualquer escola do país. Entendemos que a prática pedagógica é

desenvolvida com o passar do tempo e com as vivências. A graduação, por mais que seja ampliada ou de alto nível, não dará conta de preparar os futuros professores para situações diversas que apareceram na vida de uma escola. E, segundo o site Brasil Escola, em matéria intitulada “como melhorar a prática pedagógica”, a autora Claudia Gonçalves Silva diz que: “Não existe receita pronta, plano infalível ou milagre que resolva todos os problemas educacionais.” Essa afirmação vem confirmar que cada professor desenvolverá as suas habilidades e construirá a sua própria prática docente, não descartando que o uso das TIC deve estar inserido nesses contextos, sendo uma questão que se aprende buscando os devidos conhecimentos.

Ao serem questionados sobre “Como foram as instruções recebidas durante o curso de graduação no que se refere ao uso das tecnologias de informação e comunicação?” os respondentes afirmaram que:

Docente 01 – Durante a minha formação não usava muito essas tecnologias, na verdade. Eu sempre tive dificuldade de mexer, manusear essas tecnologias. Quando aconteceu a pandemia essas instruções foram muito pinceladas pra gente. E eu tenho dificuldade em trabalhar com algo que me passa uma vez só. Tem que ser passado mais vezes para que eu consiga memorizar e adaptar ao novo.

Docente 02 – Como eu já tenho mais de 20 anos na área da educação, de concurso, no período não tinha a questão tecnológica e a gente recebeu as instruções de acordo com o período na época. Ensinaram que a gente teria que fazer o estágio em sala de aula e algumas instruções no sentido de plano de aula e ficar aberta para saber o que é dar aula com a metodologia em sala de aula.

Docente 3 – O que me passaram foi que eu tinha que me adequar. Aquilo que eu não sabia eu teria que deslanchar, correr atrás e me atualizar. Foi isso que me passaram.

Nesse contexto, entendemos que certas dificuldades com o ensino-aprendizagem, mediado pelo uso das TIC, foram sentidas tanto por alguns professores de carreira quanto por docentes iniciantes ou em fase de formação. Esta segunda afirmação, por estarmos acompanhando e vivenciando tais experiências juntamente a esses docentes. Assim, há a compreensão que a pandemia trouxe novos desafios para a grande maioria daqueles que se dedicam a arte de ensinar, principalmente em se tratando do ensino de crianças, e cada profissional pôde repensar a sua prática pedagógica. Quando discutimos o relevante papel do professor, Pimenta assevera que



É nesse contexto complexo que se faz necessário ressignificar a identidade do professor. O ensino, atividade característica dele, é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige posturas éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos. (PIMENTA, 2012, p. 14).

Reconhecemos e confirmamos a máxima que “nada pode substituir o papel do professor em sala de aula”, principalmente no ensino fundamental. Situação que nos trouxe bastante desconforto desde o momento em que, em uma reunião pedagógica “presencial”, no início do ano de 2020, fomos comunicados que a partir da próxima segunda-feira as aulas passariam a ser remotas. Esperamos que essa leitura, futuramente, possa levar muitos docentes a repensarem suas práticas em sala de aula pelas experiências adquiridas em tempos de pandemia. Parafraseando Paulo Freire (1997, p. 26) “Ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar.” Nesse caso, querendo lidar ou não com as TIC, tanto professores e alunos, não tiveram opção diferente do que mergulhar nesse novo universo e experimentar o diferente ambiente educacional virtual. É preciso considerar que há mais de uma década, Demo (2008, p. 134) se preocupava com essa questão ao afirmar que “temos que cuidar do professor, porque todas essas mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor, ele é a figura fundamental. Não há como substituir o professor. Ele é a tecnologia das tecnologias, e deve se portar como tal”.

### **A chegada inesperada da pandemia, uma nova realidade no modo de ensinar**

Se da forma como estava posta a prática pedagógica, alguns professores continuavam em fase de adaptação, com a chegada da COVID 19 a realidade da sala de aula mudou por completo. A partir de então, além da familiaridade com os conteúdos, materiais didáticos e paradidáticos, metodologias, lúdico, afetividade, muita dedicação etc., o professor se viu diante de uma necessidade de manifestar familiaridade com as tecnologias de comunicação e informação, uma vez que a dinâmica das aulas passa a ser remota. Não se tem mais o contato presencial com o

aluno, perdeu-se a socialização, a afetividade ficou em segundo plano, o contato físico deixou de existir e dificultou-se, consideravelmente, o acompanhamento do desenvolvimento cognitivo do aluno.

Quando os docentes respondentes foram perguntados sobre “Como se deu o impacto de ter que deixar as aulas presenciais para trabalhar com aulas remotas com crianças do ensino fundamental I?” As respostas foram as seguintes:

281

Docente 01 – Bom, o impacto foi bem grande porque a educação infantil exige o contato presente, visual e quando não tem isso difícil demais trabalhar. Porque a educação exige o contato presente, visual e quando não tem isso é difícil demais trabalhar o novo, você não conhecer a criança. Trabalhar com a educação infantil requer uma atenção minuciosa e precisa se virar para que a criança desenvolva em todas as áreas que ela precisa ser desenvolvida.

Docente 02 – O impacto foi muito grande no sentido que a gente não está bem preparado na questão da tecnologia e os pais também não estar bem preparados para receber essa informação através do celular.

Docente 03 – Foi um impacto, porque... comodidade né. A gente estava habituado com o presencial com eles e quando passar para ser on-line o desafio maior foi trabalhar à distância. Gravar áudios, vídeos, preparar aulas virtuais. Esse foi o maior desafio meu.

O fator que mais pesou nessa transição foi para o professor, sair da dita zona de conforto e adaptar-se ao uso das TIC. O poema de Paulo Freire A Escola “Escola é o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, [...]”, se fosse compilado nos dias atuais, seria acrescido de Escola é também computadores, celulares, sistemas, EaD, internet, videoaulas, entre outros aspectos nos quais a educação foi transformada nesse período pandêmico.

Difícilmente alguém poderia imaginar que chegaríamos a uma situação tão delicada ao ponto de lecionar à distância para crianças do ensino fundamental. Crianças em fase de alfabetização, às quais os professores ainda precisam ensinar a segurar o lápis, iniciar com letra bastão para só depois, quando a criança desenvolve a coordenação motora fina, passar para a letra cursiva. Crianças que não sabem discernir as misturas das cores, que estão trocando os primeiros passos das operações matemáticas, que desconhecem o próprio corpo, crianças em fase de aprendizagem da base da língua materna e que se embaraçam ao pronunciar palavras corriqueiras do nosso vocabulário passam a aprender “mantendo o



distanciamento social”. Tabela de sílabas simples, complexas, leitura de pequenos textos, operações matemáticas com ou sem reserva, questões geográficas, interpretações históricas, experimentos científicos, atividades físicas, noções de língua inglesa, reflexões acerca de princípios éticos e valores morais, entre outros elementos do currículo todos ministrados pelas telas dos aparelhos eletrônicos. Mas aconteceu! Foi prioritário a preservação da vida, mesmo que tal fato compromettesse irreversivelmente a carreira escolar dos alunos. E, hoje, tudo mudou na maneira de ensinar e aprender em tempos de pandemia.

Práticas adquiridas com a repetição de processos até alcançar o desenvolvimento de competências e habilidades, com o acompanhamento constante dos profissionais da educação, passam a ser reproduzidas nos moldes de disciplinas ministradas nas universidades (para adultos, em tese maduros, responsáveis e com autonomia). É sabido que os prejuízos educacionais gerados nesse novo formato serão imensuráveis e demandarão um considerável tempo para serem reparados.

### **O uso das tecnologias ‘disponíveis’ por parte dos docentes**

Inesperadamente os professores foram convocados para uma reunião pedagógica, como de é praxe acontecer nas escolas. Desarmados, motivados, esperando algum aspecto de formação continuada ou mesmo alguma programação extracurricular, foram surpreendidos com a dura realidade de que teria início de imediato... Aulas remotas<sup>5</sup>. Sem receber estrutura física, psicológica, logística ou mesmo pedagógica, uma vez que tudo seria novidade até mesmo para os docentes à frente da gestão escolar, professores recém-formados, outros com vasta experiência e até mesmo aqueles às vésperas da sonhada aposentadoria se veem diante das telas dos seus computadores e celulares.

Nesse contexto, nos deparamos com uma dura realidade. Para esse formato de aulas os recursos tecnológicos teriam que ser usados de uma maneira ou de outra. Então, ao serem inquiridos sobre: Qual foi o apoio logístico recebido do

---

5 “As aulas remotas realizadas no contexto do coronavírus são atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientam pelos princípios da educação presencial. Aulas remotas oferecem a continuidade da escolarização por meio de recursos tecnológicos, só que a distância. Normalmente, as lições são encaminhadas às turmas pelos professores de cada matéria, no mesmo horário da aula presencial.” Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/aulas-remotas-em-tempos-de-pandemia.htm>.

munícipio em relação aos aparelhos tecnológicos utilizados? Os docentes, de igual modo, responderam que:

Docente 01 – Nenhum. Não teve nenhum apoio. Só quando voltamos para as aulas presenciais com 50% da turminha, aonde nós recebemos a internet na escola. Até então eram só os recursos nossos pessoais, vindos do nosso bolso mesmo.

Docente 02 – Eu mesmo não recebi nada não.

Docente 03 – Nenhum. Eu não recebi nada.

O quadro-giz é substituído pela minúscula tela do aparelho celular. As extensas, precisas e repetitivas explicações passam ser por meio de áudios e vídeos. As atividades e processos avaliativos são respondidos sabe-se lá por quem nas residências dos alunos, obviamente, não generalizando. Surgem algumas demandas que precisam ser repensadas pela escola. Situações diversas como pais que têm dois ou três filhos e apenas um aparelho celular, que inclusive, levam para o trabalho e só regressam no início da noite. Alunos que residem no meio rural e, conseqüentemente, nem todos têm acesso à internet. A própria internet da cidade, quase sempre lenta, que não atende à demanda da quantidade de aulas on-line que acontecem simultaneamente. Crianças que residem com avós, comumente idosos, que pouco ou nada entendem de transmissão de dados virtuais. E nesse sentido se segue uma série de fragilidades que foram sendo levantadas por nós, docentes, logo após as primeiras semanas do novo formato de educação.

Na tentativa de compreender que as dificuldades foram sentidas por todos os atores envolvidos no processo educacional, por parte dos docentes, a resposta ao serem solicitados: “Aponte as dificuldades encontradas nas aulas remotas” foram as que se seguem:

Docente 01 – Adaptação ao novo porque com tecnologias eu tenho muita dificuldade de trabalhar com novas tecnologias. Adaptar ao novo, expor meu perfil, meu rosto durante as gravações dos vídeos. Eu tive muita dificuldade em relação a isso.

Docente 02 – Encarar a tecnologia mesmo, convencer aos pais a importância de estar também conectados às tecnologias e as crianças.

Docente 03 – Quanto as disciplinas de geografia, ciências, história eu não tive dificuldade com as aulas on-line. Agora, para matemática, que foi o meu grande desafio eu tive maior dificuldade. Tive que produzir vídeos. Esse ficou atípico porque não dava para pegar o vídeo pronto no Youtube, não dava, porque tinha que ser a minha fala, o meu jeito.

Assim, pensando estratégias e metodologias possíveis e disponíveis nas redes sociais, que passaram a ser ponto de apoio para muitos docentes, fizemos o seguinte questionamento: “Que tipos de recursos tecnológicos e metodologias foram utilizadas por você, quando do início da mudança das aulas presenciais para aulas à distância?” Os docentes participantes responderam que, ao contrário do que estavam habituados a fazer com as aulas presenciais, se readaptaram e:

284

Docente 01 – Buscava sempre vídeos que trabalhassem o que estava sendo exigido no momento, trabalhava muito com vídeos caseiros, onde a gente tentava explicar para as crianças aquilo que a gente queria passar para eles e fazer de forma que eles conseguissem aprender alguma coisa com a gente através de vídeos aula, vídeos explicativos, através de áudios, celular, computador.

Docente 02 – O celular, e sobre metodologias através de vídeos, conteúdos da internet também e a comunicação direta nas gravações de vídeos pelo professor e enviados para os pais nos grupos.

Docente 03 – Então, as tecnologias foram vídeos e aplicativos, áudios, eu sou mais de áudio do que de vídeo. Eu busquei muito aulas prontas no youtube e aparelhos eu usei o celular e o computador para receber as tarefas, enviar os e-mails, fazer reuniões e relatórios e conselhos, tudo.

Nesse sentido, retomamos o importante papel da formação de um professor que esteja qualificado para extrapolar os ensinamentos recebidos nos bancos das universidades, ao se depararem com o advento da necessidade do uso das TIC em suas nobres missões de ensinar. E soma-se a tudo isso, não apenas saber manusear, mas usá-las de forma coesa e produtiva no processo ensino aprendizagem. Mesmo não sendo preparado pedagogicamente para essa empreitada, mesmo não recebendo aparelhos ou recursos tecnológicos, mesmo não tendo incentivo para melhorar seus novos “instrumentos de trabalho”, o professor se (re)faz, se reinventa, se desdobra e ainda que, com algumas limitações por parte de alguns, a arte de ensinar não parou. É preciso reconhecer que a tecnologia na educação se tornou uma necessidade real, mas o professor é imprescindível nesse processo.

Chegou-se ao ponto que não mais vigora a antiga discussão de como as TIC seriam introduzidas nas escolas, uma vez que já estão inseridas. Partindo dessa premissa, Rezende assevera que,

Não se trata mais de perguntarmos se devemos ou não introduzir as novas tecnologias da informação e da comunicação no processo educativo, já na década de 80, educadores preocupados com a questão consideraram inevitável que a informática invadisse a educação e a escola, assim como ela havia atingido toda a sociedade. (REZENDE, 2002, p. 1).

O que domina as discussões no novo cenário é como as TIC seriam usadas da melhor maneira possível, buscando o máximo de aprendizagem por parte dos alunos, que em muitos casos, pela faixa etária, ainda não contam com maturidade suficiente para usar os “filtros”, nem mesmo como proceder diante de um professor virtual. Nessa perspectiva, questionamos aos docentes se: “A participação dos alunos nas aulas remotas continuou tanto quanto nas aulas presenciais? As respostas vão ao encontro da realidade de grande parte das experiências vivenciadas na educação nesse tempo de pandemia.

Docente 01 – Não. Vinha sempre aquela questão... Não tenho tempo, não tenho esse preparo para trabalhar com meu filho. Você passava sugestões para que a criança trabalhasse o conteúdo do dia, onde gravasse vídeo, gravasse áudios e as devolutivas, no início, era pequena no total da turma, que você tinha o retorno.

Docente 02 – Não. Não foi, uma pelos pais trabalharem e os aparelhos deles serem um só e serem vários vídeos estudando e as crianças não terem aparelhos próprios.

Docente 03 – Não, houve fragmentação.

Nesse bojo de questionamentos, Oliveira, Moura e Sousa (2017, p. 78) levantam a discussão que as TIC “podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam por meio das funções de *software* e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem”. Eis a questão, proporcionar ensino e aprendizagem para crianças, muitas vezes não municiadas tecnologicamente, somado a um quantitativo de docentes com pouca experiência para se tornarem blogueiros e produtores de áudios e vídeos do dia para a noite.

### **A participação dos pais na educação dos filhos**

Ao levantarmos uma discussão acerca da participação dos pais ou família na educação dos filhos, a sonhada parceria entre família e escola, prevista pelos

documentos oficiais que regem a educação, precisamos lembrar que não se trata de nenhuma novidade, porém de uma obrigação conjunta amparada pela Constituição Federativa do Brasil, no seu artigo 205, que assevera “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988) [Grifo nosso]. De certo modo, pelo não cumprimento efetivo da lei por parte de alguns pais, a cobrança por uma participação mais efetiva da família na escola sempre foi pauta nas reuniões pedagógicas das nossas escolas. Nesse sentido, Reis (2007, p. 6), salienta que “a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.”

Não é incomum professores, coordenadores pedagógicos e de turnos batalharem incansavelmente para conseguirem fazer com alguns pais participem ativamente da vida dos seus filhos nas instituições escolares. Claro que por outro lado, há um quantitativo de pais que são muito presentes e colaboram com a melhoria do ensino por meio de críticas e sugestões. Vale lembrar que até mesmo no Conselho Escolar precisa ter membros representantes da família na escola para que tenha validação. A família tem um grau de importância incontestável e sua participação na vida estudantil do aluno pode ser um fator decisivo para o sucesso ou insucesso do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Prado (1981, p. 9), afirma que “a família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal”.

Sobre essa efetiva participação dos pais na educação dos filhos, o que era uma situação delicada, nos tempos de pandemia e aulas remotas a questão se agravou ainda mais. Ao serem questionados se: “Os pais tiveram participação mais efetiva na educação dos filhos em meio a pandemia?” as respostas se assemelham. Os docentes disseram que:

Docente 01 – Não.

Docente 02 – Não.

Docente 03 – Mais on-line do que presencial, mas eu tive mais de 50% de participação dos pais. Eles diziam abertamente que não iriam participar, não queriam, não se adequavam.

A impressão que se tem é que a roda girou e algumas situações foram invertidas. Antes, todo o esforço da escola para atrair pais e responsáveis para participarem das reuniões e se fazerem presentes na escola, mudou por completo, uma vez que a sala de aula passou a ser dentro da própria casa. Agora, não tem como a família se furtar das suas obrigações de participação no processo educacional de seus filhos. Mas, ainda assim, a percepção dos respondentes foi que, mesmo acompanhando os filhos em casa, muitos pais continuaram distantes da educação dos filhos. Por outro lado, temos situações diversas de pais que, infelizmente, não foram alfabetizados e não têm habilidades e competências para acompanhar as atividades propostas, diferente dos momentos em que vinham à escola para saber sobre produção, rendimento, sociabilidade entre outros. Somando para essa discussão, segundo Vasconcelos,

Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola [...], a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos. (VASCONCELOS, p. 1995, p. 22).

Alguns pais, sem tempo, conhecimento ou preparo se deparam com a dura realidade vivida pelos professores todos os dias com os seus filhos, que passam mais tempo junto dos colegas de sala e docentes do que com os próprios familiares. A diferença é que são formados, capacitados, preparados e se dedicam na árdua e prazerosa arte de ensinar. Com essa nova dinâmica, tudo mudou. Não é raro vermos nas redes sociais diversos depoimentos de pais clamando pela volta às aulas presenciais, por não conseguirem “educar” seus filhos. Acreditamos que o professor nunca foi tão querido e valorizado, por parte da família, quando nessas experiências vivenciadas no decorrer da pandemia. Nesse contexto, podemos citar Paulo Freire (1987, p. 68), trazendo para o entendimento da necessidade de uma parceria eficaz entre família e escola quando ele diz que: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

### **Outras percepções docentes**



Nós nos colocamos a perguntar quais proveitos os docentes poderiam extrair de toda essa mudança no processo educacional. Pela dúvida, se voltaremos a normalidade ou ao “novo normal” como tem sido ventilado nos corredores das escolas, tentamos buscar os pontos fortes ou potencialidades sentidas pelos docentes, após um certo período. Nesse sentido, solicitamos aos respondentes que: “Levante as suas percepções dos pontos fortes obtidos com essa mudança de aula presencial para remota.” As respostas foram as seguintes:

- Docente 01 – Não consigo afirmar ou visualizar nenhum.  
Docente 02 – Tudo que a gente aprende é válido. A gente aprendeu a lidar um pouquinho melhor com a questão de vídeos, internet. E a criança também, ela deve ter aprendido nem que seja ter ligado o celular para assistir os vídeos.  
Docente 03 – Somente ter mais material didático para apresentar para eles de forma on-line.

Percebemos que ao passo que a Docente 1, que desde o início das respostas deixou claro ter dificuldades com o uso das TIC em sala de aula, não consegue levantar nenhum ponto forte. Já a Docente 2 reconhece a sua evolução com o uso das TIC e acredita que as crianças também se desenvolveram um pouco em relação ao manuseio das ferramentas. A Docente 3 compreendeu que o ensino durante a pandemia, mediado pelas TIC, trouxe uma visão ampliada acerca da utilização da diversidade de materiais didáticos que podem ser encontrados e também trabalhados de forma on-line.

Nessa mesma linha de pensamento, perguntamos: “O que você entende que ficará de legado pós pandemia na educação, em se tratando de metodologias e recursos didáticos?”

- Docente 1 – Procurar trabalhar mais com vídeos, mas para isso a escola precisa oferecer uma internet adequada e oferecer a própria senha, aonde o professor tenha acesso a internet quando está em sala de aula, coisa que não acontecia. Com essas aulas on-line e presencial eles ofereceram isso para gente e eu gostaria que isso continuasse quando voltasse 100% das aulas presenciais, porque faz falta.  
Docente 2 - Mesmo com aulas presenciais, esse on-line vai ser bem usado também. Os pais vão estar mais conectados e a gente vai mandar algum vídeo ou mesmo tarefas no grupo. Eu acredito que grupo, todo ano vai ter, da sala de aula.  
Docente 03 – Eu acho que o lado positivo foi que com as aulas on-line eu tive mais contato com os pais.

Analisando as respostas, entendemos que de certa forma a experiência tem sido válida e alguns aspectos positivos precisam ser reconhecidos. Destacamos a Docente 1 que acredita que passará a trabalhar com mais vídeos educativos, a Docente 2 defende o estreitamento dos vínculos com os pais dos alunos, bem como a interação por meio de Grupos nas mídias sociais, que segue com a mesma leitura da Docente 3 que também afirma ter maior contato com a família.

### **Considerações finais**

Muito se pensou sobre as melhores formas de se inserir as TIC na educação, e com o passar dos anos essa realidade chegou de forma desigual nas escolas, algumas nem foram alcançadas. Surpreendidos pela pandemia e o conseqüente isolamento humano, as metodologias educacionais tomaram novos rumos.

A partir da segunda metade do mês de março de 2020, a pandemia do Coronavírus alterou o cenário político, social, econômico, religioso e cultural, e principalmente o contexto educacional. Situações, antes corriqueiras e ditas normais que aconteciam nos ambientes escolares, passaram a se dar, de forma bem mais limitada, dentro das residências dos próprios alunos. As aulas presenciais foram suspensas e as atividades passaram a ser executadas de forma remota e/ou on-line. Foi e continua sendo um desafio gigantesco, pois, professores, alunos, gestores, família, sociedade em geral não estavam bem preparados para essa nova realidade. Realidade está, que ainda não sabemos por quanto tempo permanecerá.

Diante do exposto, observamos que mesmo não estando capacitados para os recentes e diferentes desafios, os professores buscaram se adaptar rapidamente a essa nova situação, realizaram reuniões e o replanejamento das atividades para se adequarem e atender às demandas do momento pandêmico, com menos prejuízos possíveis para os alunos e também para os professores. Acompanhando o processo de adequação das aulas virtuais, notamos que foi desafiador para a equipe gestora, professores, alunos e família. Situações irreversíveis aconteceram, a convivência entre colegas, as interações sociais foram substituídas pelo isolamento, os traumas com as perdas de entes queridos e as demais perdas, aquela idade e aquele tempo

para determinado aprendizado foram retirados dos alunos, a necessidade de cumprir os protocolos exigidos pela Organização Mundial de Saúde foram vitais, dando prioridade a manutenção da vida diante do cenário de pandemia.

Ao mesmo tempo, notamos o empenho da equipe gestora e dos professores para atender as demandas no replanejamento e na execução das atividades on-line e seus desdobramentos na tentativa de alcançar a todos os alunos regularmente matriculados. Para os docentes, situações diversas abalaram suas estruturas nos moldes educacionais como o reconhecimento da fragilidade na formação para lidar com as TIC, a necessidade de adequação às novas ferramentas de ensino, falta de investimento por parte do poder público no que tange aos recursos tecnológicos, pouca participação dos pais, dificuldades para acompanhar das atividades de um considerável percentual dos alunos, entre outras. Por outro lado, a experiência da utilização de vídeos e metodologias alternativas nas aulas será algo que provavelmente permanecerá, mesmo pós-pandemia, o contato e fortalecimento da participação dos pais por meio dos grupos e a busca constante dos docentes por aprendizados concernente ao manuseio das TIC no processo ensino-aprendizagem.

Diante da materialização deste estudo, percebemos que ser professor é ter flexibilidade para se adaptar e renovar sempre. Registramos a preocupação com os prejuízos nos aprendizados dos alunos, situação muito difícil de mensurar e não se sabe quanto tempo precisaremos para recuperar as incontáveis perdas que os alunos tiveram com as aulas remotas. Também, sem titubear, entendemos que nenhuma tecnologia poderá substituir, a contento, o papel do professor em sala de aula.

## Referências

BRASIL. Constituição Federal. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DEMO, Pedro. *Os desafios da linguagem do século XXI para a aprendizagem da escola*. 2008. Disponível em: [http://www.nota10.com.br/noticia-detalle/\\_Pedro-Demo-aborda-os-desafios-da-linguagem-no-seculo-XXI](http://www.nota10.com.br/noticia-detalle/_Pedro-Demo-aborda-os-desafios-da-linguagem-no-seculo-XXI). Acesso em 22 de setembro de 2020.

FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho D'água, 1997.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

\_\_\_\_\_, Poema *A Escola*. Disponível em: <[http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015\\_poema\\_\\_a\\_escola.pdf](http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015_poema__a_escola.pdf)>. Acesso em: 03 de outubro de 2020.

291

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e o ensino presencial e a distância*. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

OLIVEIRA, Cláudio de; MOURA, Samuel Pedrosa; SOUSA, Edinaldo Ribeiro de. *TIC's na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno*. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/11019/8864> >. Acesso em 27 de setembro de 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012.

PRADO, Danda. *O que é família*. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REIS, Risolene Pereira. In. *Mundo Jovem*, nº. 373. Fev. 2007, p. 6.

REZENDE, Flávia. *As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista*. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências Volume 02/Número 1 – Março. 2002. Disponível em: [www.fae.ufmg.br/ensaio/v2n1/flavia.PDF](http://www.fae.ufmg.br/ensaio/v2n1/flavia.PDF). Acesso em: 01 de out. de 2020.

SILVA, Claudia Gonçalves da. *Como melhorar a prática pedagógica?* Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/como-melhorar-pratica-pedagogica.htm>. Acesso em: 03 out. 2020.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1995.